

O CANTO DAS SEREIAS: O LUGAR DA SEDUÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM *ou* POR UMA POÉTICA EDUCACIONAL

THE SONG OF THE MERMAIDS: THE PLACE OF SEDUCTION IN THE TEACHING AND LEARNING PROCESS *or* FOR EDUCATIONAL POETICS

Dany Al-Behy Kanaan¹ **

Psicanalista, mestre e doutor em Psicologia Clínica pela PUC-SP

RESUMO

A sedução, comumente, possui um sentido negativo tanto para leigos como para muitos profissionais das mais diversas áreas do conhecimento. Acreditamos, contudo, que ela está presente desde muito cedo em nossas vidas e é a condição mesma para o desenvolvimento do sujeito. Base de nossa relação com os outros, para a educação, no processo ensino-aprendizagem, na relação professor-aluno, ela assume um papel fundamental, uma vez que é determinante em nossa relação com o conhecimento.

Palavras-chave: Sedução. Relação professor-aluno. Ensino-aprendizagem. Desenvolvimento humano. Educação. Psicanálise.

ABSTRACT

Seduction often assumes a negative interpretation by nonprofessionals and even by professionals of a wide range of knowledge fields. Nevertheless, we believe it is inherent to life since our early years figuring as a condition to individual development. And, since it is determinant in our relationship with knowledge, seduction undertakes a fundamental role as a foundation to our relations with others and also at education, at the teaching-learning process and the teacher-student relationship.

Keywords: Seduction. Teaching-learning process. Teacher-student relationship. Human development. Education. Psychoanalysis.

Esse artigo é resultado de uma longa experiência de estudos e de prática clínica como psicanalista que também atua na área da educação. Pretendo, aqui, trazer algumas contribuições da psicanálise, particularmente a freudiana, com base em minha experiência, para a prática educacional, mostrando como é possível um diálogo frutífero entre psicanálise-psicologia e educação, sobretudo quando se trata das relações professor-aluno e ensino-aprendizagem.

¹ *Dany Al-Behy Kanaan* é psicanalista, mestre e doutor em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Coordenador e professor do curso de Formação em Psicanálise (Instituto Antonio Diogo). Professor dos cursos de Pós-graduação *Lato Sensu* na área de Educação e Neuroaprendizagem da UniFaj e UniMax. Autor dos livros *À escuta de Clarice Lispector*. Entre o biográfico e o literário: uma ficção possível (Educ e Limiar), *Escuta e subjetivação*. A escritura de pertencimento de Clarice Lispector (Casa do Psicólogo e Educ), *Clarice Lispector* (coleção Histórias de Gente Grande para Gente Pequena; Limiar) e *Monalisa* (Cambalache).

** *Agradeço a escuta carinhosa de Beatriz Abreu e suas preciosas sugestões a este nosso artigo.*

Acredito que todos conheçam o mito das Sereias, aquelas sedutoras figuras metade peixe, metade mulher. Há, também, uma versão pouco popular em que o termo se refere não à clássica imagem que hoje temos, mas a uma figura metade mulher e metade pássaro.

De qualquer forma, em uma ou outra versão, as Sereias estão sempre associadas a figuras maléficas, perigosas, que conduzem à morte aqueles que atravessam (ou têm atravessado) seu caminho.

Em uma aproximação mais atual, no campo da psicanálise-psicologia, costuma-se associar a figura das Sereias aos elementos indeterminados, como criações do inconsciente, às pulsões obscuras e primitivas do homem. Simbolicamente, as Sereias estariam, assim, representando o mundo da imaginação pervertida, a insensatez, em oposição ao herói Ulisses, o qual prende-se, durante uma viagem marítima, ao mastro de seu navio, para, ao ouvir o canto das Sereias, não se lançar ao mar e ser ‘devorado’; o mastro representaria a solidez da realidade e, por estar no centro do navio, o eixo vital do espírito, fugindo às ilusões da paixão (BRANDÃO, 1989, p.310-311).

Ao mesmo tempo em que Ulisses se prende ao mastro, ordena a seus homens que tapem os ouvidos com cera e assim possam sobreviver. Curiosamente, Ulisses não deixa de ouvir o canto sedutor – e nesse caso mortal – das Sereias; entretanto, cria um artifício para garantir sua vida.

Parece-me mais interessante, contudo, aquela visão que associa as Sereias tanto ao mundo subterrâneo dos infernos, quanto ao mundo celeste da música. Acredito que este duplo aspecto não nos deve soar estranho. Afinal, numa tradição judaico-cristã como a nossa, sempre vivemos esse dilema entre as tentações do inferno e as delícias do Céu.

E é nesse ponto que nos deparamos com uma outra visão sobre a figura das Sereias, desta vez defendida por Cícero, em I a.C., para quem estas são *fonte da ciência, seduzem a curiosidade intelectual inerente ao espírito humano*.

Neste sentido, as Sereias têm um papel primordial: seu canto visaria atrair os navegantes para um mundo desconhecido, sequer imaginado, mas muito sedutor.

O que seduz os navegantes? Talvez a promessa de um novo mundo, um outro mundo. Não foi a astúcia da serpente que seduziu Eva com a maçã? O que ofereceu a serpente a Eva se não o acesso a um paraíso desconhecido até então, um outro lado, uma outra faceta do Paraíso? Ou, se quisermos, o conhecimento da diferença... do Bem e do Mal, dos sexos e, sobretudo, um certo conhecimento sobre a sexualidade.

Quando Eva morde a maçã, oferecendo-a a Adão, o que ambos descobrem primeiramente? Que estão nus! Incrível, pensarmos hoje, nesse grau de inconsciência que não deixava que ambos se percebessem nus. Totalmente desprovidos de tudo. Bem, será que podemos pensar nesses termos hoje? Trata-se de um mito muito bem construído, dizendo respeito a um contexto muito particular. O que mais chama a atenção, no entanto, é que esta imagem pode traduzir com perfeição o ‘nascimento’ da subjetividade, justamente pela percepção de que o sujeito não é uno, mas repleto de contradições, desejos e ambiguidades.

Considerando isso, esse mito nos ajuda a pensar algo muito importante. Se não fosse a serpente, não existiria conhecimento, pois ambos se encontrariam em um estado de total entrega e ignorância, não havendo desafios que os conduzissem em busca de descobertas, sobre si mesmos, o outro e o mundo. O Paraíso garantia tudo a eles, menos autonomia; seriam seres com necessidades imediatamente atendidas, mas sem desejo.

Bem, o mesmo não se passa com os bebês e as crianças até uma certa idade? Somente com a introdução no mundo do simbólico – particularmente da linguagem – a criança, com a introjeção de regras, percebe-se ‘nua’, desprovida de algo; percebe, aos poucos, sobretudo com a descoberta da linguagem, que algo lhe falta. Mas é justamente por meio da linguagem que poderá ir em busca do que não possui. A linguagem é o ‘mastro’ que servirá de apoio e proteção ao sujeito, será seu ‘eixo’, e também irá permitir a ele encontrar o mundo perdido, ou proibido, dos sonhos, das paixões, também perdidas. Semelhante àquele estado o qual a criança abandona, perde, para alçar vôo em direção a um novo mundo. Perdas e ganhos.

Voltando ao caso das Sereias, não seriam elas também seduzidas? Pois trata-se, para elas, também de um desejo de ter acesso a um mundo desconhecido, aquele dos mortais, com todas as desvantagens e vantagens que este contém. Afinal, as Sereias estão presas, confinadas ao mundo marítimo, à condição de não possuírem pernas e poder andar por terra², mas podem seduzir aqueles que se aventuram por seu território, atraindo-os para seu mundo. O que nos parece uma maneira de possuir este mundo, de outra forma inacessível a elas, possuindo quem o possui.

Segundo a tradição que considera as Sereias meio humanas e meio peixes da cintura para baixo, este aspecto as tornariam desejosas pelo prazer, que jamais poderiam realizar, pois são frias.

² cf., a propósito, a lenda “A Pequena Sereia”.

Diante desse fato, elas atrairiam e prenderiam os homens sob encantamento. Isto seria uma espécie de revanche diante de sua condição. Na sua etimologia, Sereia quer dizer “liame, nó, laço, cadeia”.

O que gostaria de enfatizar é que se, por um lado, as Sereias são sinônimo de perigos, por estarem do lado do desconhecido, por outro lado, elas representam o desafio em busca do conhecimento, das descobertas, implicando tudo o que o termo possa contemplar. Nesse sentido, as Sereias podem funcionar como um alerta aos navegantes, para que não se desviem totalmente de sua rota, mas não deixem de considerar a possibilidade de outras rotas. Afinal, quantos continentes não foram descobertos em virtude de um desvio de rota, incidental ou não. Navegadores, atraídos, quem sabe, pelo canto das Sereias... Sobretudo aquele que ecoa em todo ser humano. Não seria exatamente isso que nos conduz o tempo todo em busca, de forma sempre renovada, de novos conhecimentos?

E por falar em desvio, segundo o *Michaelis*, seduzir quer dizer exatamente:

Desviar do caminho da dignidade e da honra; enganar com astúcia, levando à prática de atos censuráveis ou contrários à virtude, persuadir de coisa oposta à moral ou aos bons costumes (...). Exercer influência moral sobre mulher virgem de menor idade, a fim de ter com ela relações sexuais. (...) Influir sobre a imaginação; atrair, cativar, deslumbrar, fascinar.

Não há escapatória, o *Dicionário Aurélio* confirma: seduzir quer dizer “levar para o lado”, “desviar do caminho”, “influir”, entre tantas outras acepções, incluindo as sexuais.

De um dicionário ao outro, de uma palavra a outra, não tratar-se-ia também, neste caso, de sedução? Pois quanto mais buscamos uma definição que nos garanta um sentido preciso e claro, somos desviados por tantas outras possibilidades de sentido. Isto para não falar das tantas palavras desconhecidas para nós, com as quais nos deparamos, que nos seduzem com seu canto e nos desviam daquela que buscamos. Que sina, somos constantemente conduzidos a escolher qual o sentido que melhor traduz – seduz – nossos quereres, nossos objetivos.

SEDUÇÃO: OUTRAS CENAS E OUTROS CENÁRIOS

A sedução está presente em contextos os mais diversos, desde o mito de Adão e Eva até nossos tempos, em nosso cotidiano mesmo. Nesse momento, quero destacar algumas cenas que, acredito, possa ilustrar um pouco melhor nossa trajetória.

A PARÁBOLA DA SAMARITANA

Bem, vamos desviar um pouco nossa rota, um pouco mais prevenidos agora, rumo a outras histórias. Mas sem abandonar nossa questão.

Das histórias de sedução que conheço, uma que muito me atrai, cativa, deslumbra, fascina, particularmente, é a de Cristo. Somos seduzidos por seu dom que não vem do canto, mas das palavras que soam como melodia e que seduziu multidões.

Há uma passagem na *Bíblia*, conhecida como a “Parábola da Samaritana” (Evangelho segundo são João, 4, 1-42), em que Cristo nos dá uma verdadeira aula de sedução.

Vamos a um pequeno resumo: cansado de sua viagem, estando na Samaria, Jesus senta-se à beira de uma fonte. Vem uma mulher da Samaria tirar água. Dirigindo-se a ela, Jesus pede: “Dá-me de beber”. Ao que a mulher responde: “Sendo tu judeu, como pedes de beber a mim, que sou samaritana!” Jesus, então, retruca: “Se conhecesses o dom de Deus, e quem é que te diz ‘dá-me de beber’ tu mesma lhe pedirias e ele te daria uma água viva”. Intensifica-se, então, o diálogo entre os dois:

“Senhor, não tens com que tirá-la, e o poço é fundo. De onde tens, pois, essa água viva? És, por ventura, maior do que o nosso pai Jacó, que nos deu este poço, do qual ele mesmo bebeu e também os seus filhos e os seus rebanhos?”

Respondeu-lhe Jesus: “Todo aquele que beber desta água, tornará a ter sede, mas o que beber da água que eu lhe der, jamais terá sede; porque a água que eu lhe der virá a ser, nele, fonte de água, que emana para a vida eterna.”

“A mulher suplicou: ‘Senhor, dá-me dessa água para eu não mais ter sede, nem vir aqui tirá-la’.

“Disse-lhe Jesus: ‘Vai, chama teu marido e volta cá’.

“A mulher respondeu: ‘Não tenho marido’.”

Jesus diz-lhe, então: “Tens razão em dizer que não tens marido. Tiveste cinco maridos, e o que agora tens não é teu; nisto, disseste a verdade”.

Surpresa, a Samaritana diz: “Senhor, vejo que és profeta. Nossos pais adoraram neste monte, mas vós dizeis que é em Jerusalém que se deve adorar”.

Jesus responde: “Mulher, acredita-me, vem a hora em que não adorareis o Pai, nem neste monte nem em Jerusalém. Vós adorais quem não conheceis, nós adoramos o que conhecemos (...) Deus é espírito, e os seus adoradores devem adorá-lo em espírito e verdade”.

Bem, chegam os discípulos e estranham o fato de Cristo estar falando com uma samaritana. A mulher vai até a cidade e diz às pessoas: “Vinde ver um homem que me contou tudo o que tenho feito. Não seria ele porventura o Cristo?”

E muitos acreditaram em Cristo, pelas palavras que a Samaritana disse.

Essa parábola é toda sedutora. E a sedução ocorre naquele que é seu campo primordial: a linguagem.

É pela linguagem, exclusivamente, que Cristo faz ver a mulher a condição em que ela vive, alienada de si. Como em Eva, a mulher vê-se despida diante Daquela que mostrou-lhe ‘tudo o que tem feito’. Um novo mundo se abre para ela, que se descobre, descobrindo Cristo. Ou seja, é na relação com o outro que algo se revela, um outro encarnado ou em “espírito”. O fundamental é a relação que aí se dá com a alteridade, por meio da linguagem. Como no caso das Sereias, a sedução só ocorre porque há uma relação entre dois parceiros. Ambos cúmplices desse jogo que se estabelece pela linguagem, nas suas diferentes formas, seja a oral seja a musical, como nos exemplos vistos. É esta a descoberta fundamental: a linguagem que cria sucessivos desvios, como aquele que conduziu a Samaritana a um novo estatuto. Ela deixa de se ver presa somente às suas necessidades físicas (a sede de água; as tentações da carne), e descobre a Verdade, a verdade de seu desejo, apossando-se de si. Mas, não nos esqueçamos, isto graças a um Outro, com quem estabelece seu diálogo.

Não podemos esquecer, ainda, que inicialmente a Samaritana não sabe com quem dialoga, acredita ser apenas um homem, e não o Cristo. É na relação que se estabelece entre eles que ela descobre de quem se trata, assim como descobre quem de fato ela é, o que tem feito, seus desejos etc. Ambos se descobrem, são transformados por esse encontro, assim como nós, que somos modificados por cada encontro que estabelecemos com as diferentes pessoas com quem convivemos, cruzamos, por cada fato que ocorre em nossas vidas. Tudo é capaz de processar em nós transformações, algumas imperceptíveis até, desde que nos coloquemos dispostos, atentos, receptivos, à escuta do que se passa conosco.

E o que é fantástico: a Samaritana não fica presa a Cristo, ela sai e vai dar seu testemunho, desprende-se Dele, encarna em si a água viva, torna-se, como Ele havia dito, a fonte de água viva. Tanto que sua palavra também faz crer.

Mas se a Samaritana se vê seduzida por Cristo, por suas palavras, por acaso não foi Cristo também seduzido pela presença da Samaritana? E em seguida por suas palavras, que confirmam as deles, a sua Missão?

A propósito, não nos esqueçamos, Cristo é chamado pelos apóstolos de Mestre, aquele que tem algo a ensinar, uma mensagem a transmitir. De modo semelhante, mesmo hoje, é como nos

referimos, muitas vezes, àqueles professores que admiramos em algum momento de nossa trajetória escolar ou acadêmica. E diante deles nos comportamos como discípulos.

Ainda, como nas Sereias e em Cristo, tudo só é possível porque ambos estavam predispostos a se escutarem, escutando a si próprios. Ou seja, nós precisamos acolher o que nos é dito, ver sentido nele, torná-lo nosso, nos apropriarmos dele, apropriando-nos de nosso desejo, e aí então responder ao outro.

Tudo acontece em torno do fato de (poder) escutar ou não escutar. E as histórias estão dadas.

“OS DESASTRE DE SOFIA”

Após essa breve incursão pelo Novo Testamento, convido-os agora a adentrar um outro cenário, o da literatura, com uma outra história, bem mais atual e tão esclarecedora como primeira.

Trata-se de um conto de Clarice Lispector, intitulado – melhor nome não poderia haver – “Os desastres de Sofia” (LISPECTOR, 1982).

“Os desastres de Sofia” narra a história de uma menina de nove anos e seu conturbado relacionamento com seu professor. Incomodada com a figura dele, “gordo, grande e silencioso, de ombros contraídos” (ibid., p. 11), a menina passa a provocá-lo, fazendo de tudo para atrapalhar sua aula. Incomodada e também atraída: “Não amor, mas atraída pelo seu silêncio e pela controlada impaciência que ele tinha em nos ensinar e que, ofendida, eu adivinhara” (ibid., p. 11).

Tudo no professor é motivo de irritação para a menina que, por uma preocupação em protegê-lo de sua falta de adequação, torna-se objeto de ódio dele. Ela não se conformava com a fragilidade e falta de jeito de um homem tão grande. Com sua exposição. “Usava paletó curto demais, tinha óculos sem aro, com um fio de ouro encimando o nariz grosso e romano” (ibid., p. 11). Diante disso, a menina impõe-se a tarefa de “salvar” aquele homem, obedecendo, sem saber, a uma velha tradição: “eu estava sendo a prostituta e ele o santo” (ibid., p. 12). Para a salvação dele, a menina transforma-se em sua sedutora, procurando arrastá-lo para o seu lado, pois o dele é mortal. Tarefa árdua que se impusera e cujo único instrumento era a insistência.

Certa vez, o professor pede uma composição aos alunos, baseada numa história que este contou. Louca para sair para o recreio e querendo ser a primeira a entregar-lhe a composição, demonstrando-lhe sua rapidez, ela se apressa e entrega-lhe o caderno, sem um olhar ou elogio da parte dele.

Mal sabia a menina o que fizera. Por algum motivo, quando todos já haviam terminado a tarefa e estavam no recreio, ela retorna à sala para pegar algo, e somente quando prepara-se para sair em disparada, modo pelo qual entrou na sala, é que percebe a presença do professor a olhá-la fixamente. Completamente desarmada, pela primeira vez sozinha frente a frente com o professor, ela procura esgueirar-se até a porta de saída, quando, de repente, ouve seu nome. “E bem devagar vi o professor todo inteiro. Bem devagar vi que o professor era muito grande e muito feio, e que ele era o homem de minha vida. O novo e grande medo” (ibid., p. 18).

O professor pede que ela se aproxime e pegue seu caderno. Com um olhar nu, manso e curioso ele a olha. Finalmente pergunta: “Como é que lhe veio a ideia do tesouro que se disfarça?”.

Ela fora pega na própria armadilha. Dissera mais do que intencionalmente gostaria. “Ia receber de volta uma realidade que não teria existido se eu não a tivesse temerariamente adivinhado e assim lhe dado vida” (ibid., p. 19). Na sua composição, a menina falara de um tesouro que se disfarça, que está escondido onde menos se espera, que é só descobrir. E a descoberta vem para os dois. “Pela primeira vez a ignorância, que até então fora o meu grande guia, desamparava-me. Meu pai estava no trabalho, minha mãe morrera há meses. Eu era o único eu” (ibid., p. 19).

O professor finalmente sorri. “Ele nem ao menos sabia que ficava feio quando sorria. Confiante, deixava-me ver a sua feiúra, que era a sua parte mais inocente” (ibid., p. 22). E a menina desabrocha. “Como uma virgem anunciada, sim. Por ele me ter permitido que eu o fizesse enfim sorrir, por isso ele me anunciara” (ibid., p. 25). Ambos agora partilham uma certeza.

Naquele tempo eu pensava que tudo o que se inventa é mentira, e somente a consciência atormentada do pecado me redimia do vício. (...) Ele matava em mim pela primeira vez a minha fé nos adultos: também ele, um homem, acreditava como eu nas grandes mentiras... (ibid., p. 22-23).

A menina, diante do choque, recuperando as forças, foge para o parque dentro do qual ficava a escola, e corre, corre, para bem longe do professor, até estancar.

[...] E foi assim que no grande parque do colégio lentamente comecei a aprender a ser amada, suportando o sacrifício de não merecer, apenas para suavizar a dor de quem não ama. Não, esse foi somente um dos motivos. É que os outros fazem outras histórias. Em algumas foi de meu coração que outras garras cheias de duro amor arrancaram a flecha farpada, e sem nojo de meu grito (p. 25).

Para aqueles que têm pouca familiaridade com a obra de Clarice Lispector e desconhecem sua biografia, trata-se de um conto auto/biográfico (a barra é proposital, acentuando as ficções constituintes do gênero) (MAINGUENEAU, 1999).

Este conto trata fundamentalmente do saber e das relações em torno dele. Trata-se, como vem explícito nele, de uma “tradição”, ou seja, de algo que é comum a toda relação e incrementada nas relações hierarquicamente estabelecidas, em que imagina-se que o outro é portador de algo, um saber, que me diz respeito e me interessa e quero possuir, levando-me a estabelecer com o sujeito depositário desse (suposto) saber um jogo de sedução no qual amor e ódio estão presentes de modo indissociável. É o que Freud nomeou de “transferência”, um dos conceitos básicos da psicanálise.

Uma tradição que remonta, como tudo em Clarice, às origens.

Por meio dessa história simples, de fácil identificação por tratar-se de algo pelo qual todos nós passamos e imediatamente reconhecemos, coloca-se a grande questão do conhecimento. Não um conhecimento qualquer, factual, já-dado; estamos falando de um conhecimento que deve ser descoberto e construído na relação com um outro, de um jogo de promessas e decepções.

Atentando-nos ao título da história, temos de imediato uma pista esclarecedora. Sofia quer dizer “saber”. Os desastres de Sofia seriam, assim, os desafios do conhecimento, por saber e pelo que se sabe. Sofia, nessa medida, é o saber personificado, que diz respeito a todos.

Também nesse episódio podemos ler possíveis fontes nas quais Clarice foi buscar seus argumentos. Referimo-nos à velha tradição bíblica, mais especificamente à ideia da árvore do conhecimento. As imagens que sustentam esta associação estão presentes ao longo do conto.

Se no original bíblico a serpente desempenha o papel sedutor daquele que detém o conhecimento, no conto Sofia encarna esse lugar, tentando, desafiando o professor, ao mesmo tempo em que se vê seduzida e desafiada por ele. Não é casual, nessa perspectiva, o modo pelo qual o narrador constrói sua história.

O que promete a serpente ao homem? O conhecimento do Bem e do Mal. Mais do que isso, a igualdade a Deus. Ao homem não é vedado saber, ao contrário; o que lhe é proibido é querer fazer-se Deus, recusando sua condição humana (CHARPENTIER, 1986, p. 65).

Esse desejo, porém, tem um papel fundamental, tanto na história bíblica quanto no conto referido e também como característica do homem. Ou seja, o desejo de tudo conhecer seduz o homem e o leva em busca de acercar-se desse saber que sempre o desafia e o decepciona, reconduzindo-o à sua condição humana, falível, de incompletude e desamparo. É isto o que ilustra

a percepção pelo homem, ao morder a maçã, de sua nudez. Ele descobre que o conhecimento de Deus, ou seja, a onisciência, é inatingível, lançando-o num estado de nudez, leia-se: desamparo. Sua astúcia é sua nudez.

O mesmo ocorre com nossa menina, que na sua astúcia, flagra-se nua. Ao tentar o professor, a fim de mostrar-lhe sua condição de desamparo “sobre aquele tamanho”, Sofia pergunta-lhe explicitamente pela escolha entre vida e morte. Coloca-se no lugar da serpente para fazer ver ao professor sua condição falível e desamparada sob a casca da severidade, ou melhor, da estagnação, da paralisia. Eis o desafio que se impõe, na inconsciência de seus nove anos: “arrastá-lo para o meu lado, pois o dele era mortal” (LISPECTOR, 1982, p. 13). Sofia vislumbra no professor o medo que ela própria sente diante da vida, do que desconhece em si e se disfarça como um tesouro. O tesouro que está em si, que é o conhecimento.

Só muito depois, tendo finalmente me organizado em corpo e sentindo-me fundamentalmente mais garantida, pude me aventurar e estudar um pouco; antes, porém eu não podia me arriscar a aprender, não queria me disturbar – tomava intuitivo cuidado com o que eu era, já que eu não sabia o que era, e com vaidade cultivava a integridade da ignorância (LISPECTOR, 1982, p. 14-15).

Se o conhecimento é uma ambição do homem, a ignorância também faz parte de sua condição, como um estado no qual pode sentir-se em segurança diante das solicitações do mundo. Por mais que reivindique este estado, no entanto, há sempre algo que o chama, o interroga, o solicita. Saber tudo é impossível; não saber seria o mesmo que estar morto. Saber, então, é saber-se vivo.

A Árvore da Vida, na Bíblia, traduz bem essa ideia. O homem pode comer de seus frutos, mas somente Deus tem a posse da vida, que pode dar ao homem desde que este queira. “Eu te propus a vida ou a morte. Escolhe a vida...” (Dt 30,19-20; CHARPENTIER, 1986, p. 66).

Essa ideia é cara à narrativa clariceana. A escolha em saber, “salvar-se”, pela vida, fica por conta do leitor. Como fica por conta do professor aceitar o desafio da menina e vice-versa.

Como no texto bíblico, curiosamente, Clarice fala em sua história do pecado. O mesmo cometido por Adão ao comer do fruto “proibido”. Nesse sentido, o pecado assume um outro caráter; como uma cicatriz que fica após um acidente serve para recordarmos que estamos vivos.

No conto clariceano o pecado aparece justamente ao falar-se da esperança. “A esperança era o meu maior pecado. Cada dia renovava-se a mesquinha luta que eu encetara pela salvação

daquele homem” (LISPECTOR, 1982, p. 12). A esperança em algo futuro, uma promessa a cumprir-se, o da liberdade propiciada pelo saber, que é vida. É em nome da vida que o conto fala. Da possibilidade de salvação e vida que se disfarça em cada um, mas que se realiza somente quando se deseja, quando se escolhe.

... havia a esperançosa ameaça do pecado, eu me ocupava com medo em esperar; sem falar que estava permanentemente ocupada em querer e não querer ser o que eu era, não me decidia por qual de mim, toda eu é que não podia; ter nascido era cheio de erros a corrigir (ibid., p. 14).

Tanto na história bíblica quanto no conto clariceano, pecado e erro aparecem como metáforas pela busca do saber, sempre como uma promessa que não se cumpre, por ser infinito, e que reconduz o homem ao seu estado de incompletude. O conhecimento como o paraíso não estão perdidos num tempo passado, mas são uma tarefa a realizar-se.

Assim como pode ser visto na crônica “Pertencer” (LISPECTOR, 1984), em que o nascimento é visto como algo que retira o sujeito de um estado de completude, lançando-o num mundo cindido, atravessado pela linguagem, neste conto o nascimento é visto como cheio de erros a corrigir, ou seja, a vida é busca. O conhecimento, algo infindável. O que confirmaria a nossa condição de desamparo constituinte, e que somente o contato com o outro, com a alteridade, ajuda a compreender e lidar.

Mas a linguagem é também esse tesouro escondido, que se disfarça e se revela no jogo com o outro. “As palavras me antecedem e ultrapassam, elas me tentam e me modificam, e se não tomo cuidado será tarde demais: as coisas serão ditas sem eu as ter dito” (ibid., p. 12).

A linguagem, posta em ação, no confronto com a alteridade, ganha vida, torna-se discurso. Ou seja, o discurso é a linguagem posta em ação, entre parceiros, em posições reversíveis (BENVENISTE, 1976). Clarice intui aqui o que as mais recentes teorias da linguagem vêm desenvolvendo. A linguagem não é algo estanque, seu sentido varia de acordo com o contexto e nunca é único; mais ainda, o sujeito é modificado o tempo todo pelos novos sentidos que atribui e que são a ele atribuídos pela linguagem, ou seja, pela subjetividade na linguagem. Há novamente aqui a afirmação de que vivemos num universo simbólico, no qual as relações se dão fundamentalmente por meio da linguagem, que nos “antecedem” e “ultrapassam”.

Novamente, a escuta é o elemento fundamental, já que somente quando professor e Sofia, por meio da redação – o canal de comunicação que se estabelece entre eles – se põem à escuta um do

outro é que se descobrem, mutuamente e a si próprios. O que ambos não tinham consciência até então era desse jogo de sedução disfarçado existente entre eles, repleto de mútuo desafios. E, como em toda descoberta, vem junto o susto quando o jogo se revela com todas as suas intenções postas.

Cumpre-se, assim, o temor da menina, que ao procurar provocar o professor – que não deixa de ser um modo de se fazer aceitar por ele – denuncia seu desamparo e se vê só: “Meu pai estava no trabalho, minha mãe morrera há meses. Eu era o único eu” (ibid., p. 19).

Por mais que a presença de um conteúdo erótico se manifeste na história, é preciso entender que este não corresponde ao que costumeiramente alguns chamam, equivocadamente, de sexual. O erótico é aquilo que permeia todas as nossas relações, vinculado ao prazer, inclusive o sexual, mas que diz respeito também à nossa percepção estética.

A confusão desses canais é o que muitas vezes pode desviar a sedução para caminhos outros, pouco lícitos, e diferente daquele que vimos insistindo. Pois, nesse caso, isto pode significar o submetimento do outro, a subjugação do outro, confinando-o no lugar da ignorância, do equívoco, e do abuso (incluindo o sexual), muitas vezes. E, então, temos uma das facetas mais perversas da violência.

É justamente este aspecto o divisor de águas da teoria freudiana da histeria e, posteriormente, quando Freud descobre o conceito de transferência. Em um dado momento de suas investigações, ele percebe que suas pacientes não estavam apaixonadas *por ele*, como parecia, mas *pelo lugar que ele ocupava simbolicamente para elas*, o do saber, e que a paixão, como parte do tratamento, significava uma resistência, uma defesa, contra um sofrimento, mas que também poderia conduzir à cura. Somente quando Freud pôde deixar de ouvir o relato de sedução que, supostamente, suas pacientes teriam sofrido na infância como algo concreto e pôde escutar-lhes a demanda (seu aspecto simbólico), entendeu o que aquilo significava. E uma nova descoberta se deu.

Mas a dimensão disso é muito mais ampla, para a psicanálise freudiana, o conhecimento sexual está na base de todos os outros, é por isto que esta doutrina defende que as crianças devem ser alfabetizadas a partir dos seis anos de idade, quando o conhecimento das diferenças sexuais já ocorreu e a criança está disponível para outros conhecimentos³.

Indo mais além, enfrentamos essa questão constantemente hoje, quando ouvimos e dizemos que tal ou tal coisa não faz sentido. Ou seja, se aquilo não pode ser vivido, antes, como nosso, como

³ cf. o conceito de “complexo de Édipo”.

parte de nós, realmente não faz sentido. A falta de sentido surge quando não conseguimos relacionar os fatos que acontecem fora ou mesmo dentro de nós como parte de um todo, numa rede de outros sentidos. E isto nós vivemos o tempo todo na prática educacional.

Há, a título de exemplo, um caso clássico de Freud, de uma criança de cinco anos de idade, que está aprendendo o alfabeto e para quem a diferença entre m e n era por demais complicada. Ele solicita à tia que explique-lhe a diferença; atenta ao menino, à escuta dele, a tia desfaz a charada, e trata logo de esclarecer-lhe: a diferença entre m e n é a mesma que existe entre o homem e a mulher, ou seja, o homem tem três perninhas (como o m) e a mulher tem apenas duas (como o n). É esta diferença que a criança até então não dominava! Isto que pode parecer folclore aos nossos ouvidos, é tão verdadeiro quanto o que está por trás de muitos casos de dificuldades – ou como alguns preferem chamar, distúrbios – de aprendizagem.

AFINAL... NO PRINCÍPIO ERA A SEDUÇÃO

Não querendo estender mais, vamos tentar concluir. Ou, melhor dizendo, no contexto do que discutimos até esse ponto, ‘passar o bastão’, para que cada um possa, daqui pra frente, fazer suas escolhas e seguir seu caminho.

Qual o lugar da sedução no processo de ensino-aprendizagem? Como procurei demonstrar, desviando a atenção de vocês para essas histórias todas, a sedução está presente desde o princípio em nossa vida, em todas as nossas relações; ela é parte essencial de toda e qualquer relação; é a condição mesma para que toda relação possa ocorrer, incluindo a relação com o saber.

Isto é de tal maneira verdadeiro que foi feito um experimento – bem ao estilo dos psicólogos seguidores desta doutrina – com macacos recém-nascidos, consistindo no seguinte: um bebê macaco foi entregue a uma macaca verdadeira e por ela alimentado; outro, a uma macaca de pano, alimentado por ela; e um terceiro, a uma macaca de arrame, também com alimentação garantida. Vejam que todas as necessidades básicas foram asseguradas. Qual foi o resultado? Apenas o bebê macaco que esteve em interação com a macaca verdadeira sobreviveu. Justamente por isso: pela interação.

Se, no caso do bebê macaco, a interação, o calor da mãe verdadeira foram fundamentais para sua sobrevivência, imaginem o caso do bebê humano. Neste caso, a interação, o calor humano (como função materna), soma-se ao desejo materno. Caso esta mãe não invista seu bebê com o seu desejo, não o seduza, literalmente falando, para além dos cuidados básicos relacionados às suas

necessidades, ele também não sobrevive. Dito de outro modo, sem essa “transferência” entre mãe e bebê, professor e aluno, psicanalista e analisando etc., sem essa relação tão delicada como fundamental, esse toque de sedução, pouca ou nenhuma experiência significativa, transformadora, vital (como vimos), se contrói. Basta acompanhar as recentes pesquisas em neurociência e psicanálise, a descoberta da plasticidade cerebral e o papel da transferência nos contextos terapêuticos – e, por extensão, na situação de ensino e aprendizagem –, para se ter uma ideia do alcance do que foi dito.

A ideia de dedicar-me ao tema da sedução ocorreu-me com base em minha própria experiência como professor universitário e no trabalho com formação de professores, diante das inúmeras situações curiosas, por vezes “constrangedoras”, que fazem parte, acredito, de nossa profissão de educadores.

Sempre depois dos sustos, obrigava-me a pensar o que as diferentes situações significavam. Um exercício um tanto interessante este, mas nem por isso tranquilo de ser realizado. E aqui sirvo-me do meu lado como clínico, na escuta de meus pacientes.

O lugar de professor é de extremo desafio, pois, até pela posição hierárquica que este ocupa, o lugar do saber, este se vê constantemente desafiado pelos alunos, confrontado com suas inseguranças, não porque querem subjugar-lo, mas porque querem conhecer o que há aí. Como Sofia-Clarice fez com seu professor. Eles querem ter acesso a esta promessa de algo que desconhecem, e que o professor encarna, conduzindo-os a novos lugares. Mas não pensemos que alguém vai deixar de bom grado o seu lugar seguro e arriscar-se em direção a algo que não o convença.

Como se diz popularmente em resposta a uma proposta feita por alguém, “Eu aceito, mas depende da cantada”. Ou seja, é preciso desviar a atenção do outro para algo que, sem este saber de antemão, o interessa, porque diz respeito a ele. No nosso caso, o aluno precisa acreditar que o professor possui um saber que lhe diz respeito; do mesmo modo, o professor precisa acreditar, e alimentar esta crença, ainda que não a nomeie de forma clara. Pois este saber, e isto nos parece o mais importante, será construído na relação, ele de fato não existe de antemão. O que existe é uma promessa, que só se cumprirá, se efetivará, tomará corpo, com a participação do outro. Como a escrita, que só se cumpre na leitura.

Assim, é preciso estarmos atentos, à escuta (e esta sempre se refere a uma dimensão inconsciente) do que nos solicita, sejam nossos alunos, um livro, uma revista, um gibi, uma novela,

um filme, uma propaganda televisiva ou impressa, um desenho animado, uma música, uma manchete de jornal, um mensagem de celular (nas suas diferentes apresentações), um e-mail... , um fato presenciado no nosso cotidiano, em nossa profissão etc.

No caso dos gibis (e histórias em quadrinhos, de maneira geral), em particular, é interessante refletirmos sobre a razão pela demanda crescente há alguns anos por parte de educadores por seu uso em sala de aula. Se as crianças se veem tão seduzidas por esses materiais, é porque algo há neles que merece nossa atenção e respeito, merece nossa *escuta*. Os gibis, podemos afirmar hoje com tranquilidade, são excelentes meios de seduzir as crianças para outras leituras, para práticas mais escolarizadas. Dialogando com nossos alunos por meio de gibis, por exemplo, estamos dialogando com nossa realidade e tudo o que nela acontece, estamos lendo esta realidade “em quadrinhos”.

Àqueles que se viram seduzidos – ou ao menos tocados – por essa discussão, fica o desejo de que possam se apropriar dela e fazê-la também sua. E para efetivar esse encontro, e a propósito do tema, a palavra final é de Clarice Lispector, na voz de sua personagem G.H.: “Dar a mão a alguém sempre foi o que esperei da alegria” (LISPECTOR, 1964, p. 15).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, Emile. Da subjetividade na linguagem. In: _____. **Problemas de linguística geral**. São Paulo: Nacional-Edusp, 1976.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 1989. v.3.

CHARPENTIER, Etienne. **Para ler o Antigo Testamento**. São Paulo: Paulinas, 1984.

FREUD, Sigmund. Sobre a psicologia do colegial. In: _____. **Obras completas**. São Paulo, Cia. das Letras, [1914]2012, v. 11.

GARCIA, Ana Luiza M. O desenho da escrita. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 4, n 2, p. 185-198, 1991.

HOMERO. **Odisseia**. Tradução Antonio Pinto de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

KANAAN, Dany Al-Behy. **Escuta e subjetivação**. A escritura de pertencimento de Clarice Lispector. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

_____. **À escuta de Clarice Lispector**. Entre o biográfico e o literário: uma ficção possível. São Paulo: Educ-Limiar, 2023.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964.

_____. Os desastres de Sofia. In: _____. **A legião estrangeira.** Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1982.

_____. A descoberta do mundo. In: _____. **A descoberta do mundo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MAINGUENEAU, Dominique. **O contexto da obra literária.** São Paulo: Martins Fontes, 1995.

PERRONE-MOISÉS, Leyla (1990). Promessas, encantos e amavios. In: _____. **Flores da escrivantina.** São Paulo: Cia. das Letras.